

## O INFERNO SOCIAL DOS LIBERTOS NA ROMA ANTIGA

Encontramos em toda parte o que constitui o tormento dos libertos, sua incerteza quanto ao lugar que realmente ocupam na sociedade; a escala das condições sociais não se confundia com a hierarquia dos estatutos, e os libertos se situam nesse desajuste. Sofrem de falta de legitimação. Têm a vida luxuosa que lhes permite sua opulência; em Roma os túmulos custosos, com retratos esculpidos, eram seus, quando não dos nobres; em suas vestes, clientes, escravos, libertos, jantares, imitam a alta sociedade, mas com a impossibilidade de nela ingressar, pois, semicidadãos que são, não têm tal direito. O *Satyricon* de Petronio no pinta com cruel lucidez sua existência de imitação.

A falta de cultura (as crianças escravas não estudam) trai para sempre sua baixa origem. Não são arrivistas, como se diz, e sim oriundos", cuja tara original impede de forçar as portas da alta sociedade: a barreira que separava as posições sociais os proíbe. E a alta sociedade acha que sua imitação é sempre falha e ridiculamente lhes trai a pretensão e a tara: a esnobe, esnobe e meio. O pior é que eles nem sequer constituem uma classe social digna desse nome que pudesse se fortalecer na humilde altivez de sua especificidade; pois não poderiam fundar dinastias burguesas: a condição de liberto existe apenas na primeira geração, e o filho de liberto é cidadão por inteiro. Não tomemos por uma classe social o que não passa de um grupo em mutação. Melhor ainda, a classe alta, em Roma, renovava-se em grande parte com a entrada de filhos de ricos libertos e filhos de libertos imperiais: muito senador era neto de liberto.

Fonte: História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil / organização Paul Veyne ; tradução Hildegard Feist; consultoria editorial Jonatas Batista Neto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

tinha direito a colher

Tá vendo aquela igreja, moço?  
Onde o padre diz amém  
Pus o sino e o badalo  
Enchi minha mão de calo

## CIDADÃO

Edson e Hudson

Tá vendo aquele edifício, moço?  
Ajudei a levantar  
Foi um tempo de aflição, era quatro  
condução  
Duas pra ir, duas pra voltar  
Hoje, depois dele pronto  
Olho pra cima e fico tonto  
Mas me vem um cidadão  
Que me diz desconfiado:  
Cê tá ai admirado, ou tá querendo roubar?  
Meu domingo está perdido  
Vou pra casa entristecido  
Dá vontade de beber  
E pra aumentar meu tédio  
Eu nem posso olhar pro prédio  
Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio, moço?  
Eu também trabalhei lá  
Lá eu quase me arrebento  
Fiz a massa, pus cimento  
Ajudei a rebocar  
Minha filha inocente  
Veio pra mim toda contente:  
Pai, vou me matricular  
Mas me diz um cidadão:  
Criança de pé no chão aqui não pode  
estudar  
Essa dor doeu mais forte  
Nem sei porque deixei o norte  
Então me pus a dizer  
Lá a seca castigava  
mas o pouco que eu plantava

Lá eu trabalhei também  
Mas ali valeu a pena  
Tem quermesse, tem novena  
E o padre me deixa entrar  
Foi lá que Cristo me disse:  
Rapaz, deixe de tolice  
não se deixe amedrontar  
fui eu quem criou a terra  
enchi os rios e fiz as serras  
não deixei nada faltar  
hoje o homem criou asas  
E na maioria das casas  
Eu também não posso entrar

## O PROBLEMA DO BRASIL É O ÓDIO AO POBRE

“A classe média brasileira possui um ódio e um desprezo pelo “povo”(…). Essa é talvez nossa maior herança intocada da escravidão, nunca verdadeiramente compreendida e criticada entre nós. Para que se possa odiar o pobre e humilhá-lo, tem-se de construí-lo como culpado de sua própria (falta de) sorte e ainda torná-lo perigoso e ameaçador. Se possível, deve-se humilhá-lo, enganá-lo, desumanizá-lo, maltratá-lo e matá-lo cotidianamente. Era isso que se fazia com o escravo e é exatamente a mesma coisa que se faz com a “ralé de novos escravos” hoje em dia. Transformava-se o trabalho manual e produtivo em vergonha suprema, como “coisa de preto”, e depois se espantava que o negro não enfrentasse o trabalho produtivo com a mesma naturalidade que os imigrantes estrangeiros, para quem o trabalho era símbolo de dignidade. Dificultava-se de todas as formas a formação da família escrava, e nos espantamos com as famílias desestruturadas dos nossos excluídos de hoje, mera continuidade de um ativismo perverso para desumanizar os escravos de ontem e de hoje. Os escravos foram sistematicamente enganados, compravam a alforria nas minas e eram escravizados novamente e vendidos para outras regiões, eram brutalizados, assassinados covardemente. A matança continua também agora, com os novos escravos de todas as cores. O Brasil tem mais assassinatos – de pobres – que qualquer outro país do mundo. São 60 mil pobres assassinados por ano no Brasil. Existe uma guerra de classes hoje declarada e aberta. Construiu-se toda uma percepção negativa dos escravos e dos seus descendentes como feios, fedorentos, incapazes, perigosos e preguiçosos, isso tudo de forma irônica, povoando o cotidiano com ditos e piadas preconceituosas, e hoje muitos se comprazem em ver a profecia realizada. Não se entende a miséria permanente e secular dos nossos excluídos sociais sem esse ativismo social e político covarde e perverso de nossas classes “superiores”. O ódio secular às classes populares parece-me a mais brasileira de todas as nossas singularidades sociais. (...)

